

Nívea Bracher e Henrique Simões contam como foi o início da história da transformação da antiga fábrica de tecidos Mascarenhas em centro cultural, o Centro Cultural Bernardo Mascarenhas - CCBM.

A conquista Início do CCBM

Roteiro: Rose Valverde e Sonia Oliveira
Storyboard: Sara Siqueira
Ilustração: Rosângela Martins e Pablo
Colorização digital e letramento: Rose Valverde

Nossa! Como estão construindo prédios! Fiquei tão pouco tempo fora do Brasil e agora quase não reconheço mais Juiz de Fora.

Pois é, muita coisa mudou e, infelizmente, não conseguimos deter tantas demolições de casarões que adorávamos e que deram lugar a tantos prédios.

Poxa! Décio, você tinha razão quando nos alertava sobre a importância de preservar os antigos imóveis!

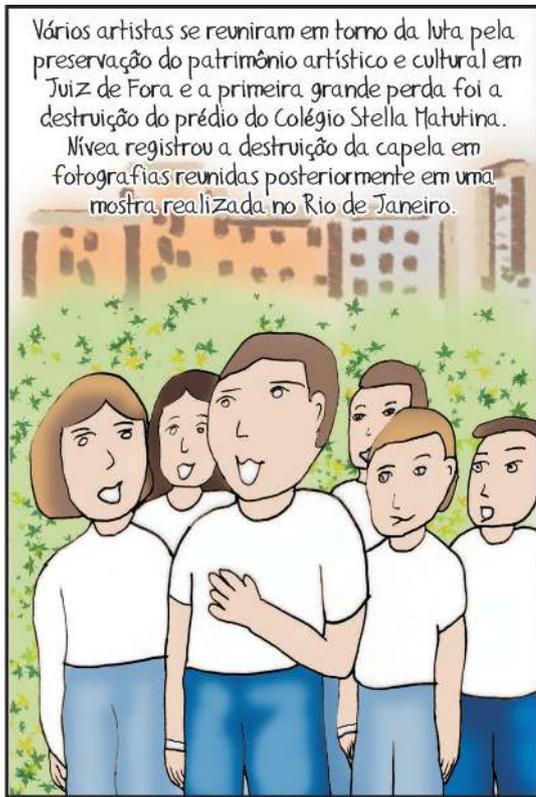


Nívea começou a fazer fotos de Juiz de Fora e iniciar um movimento de alerta.



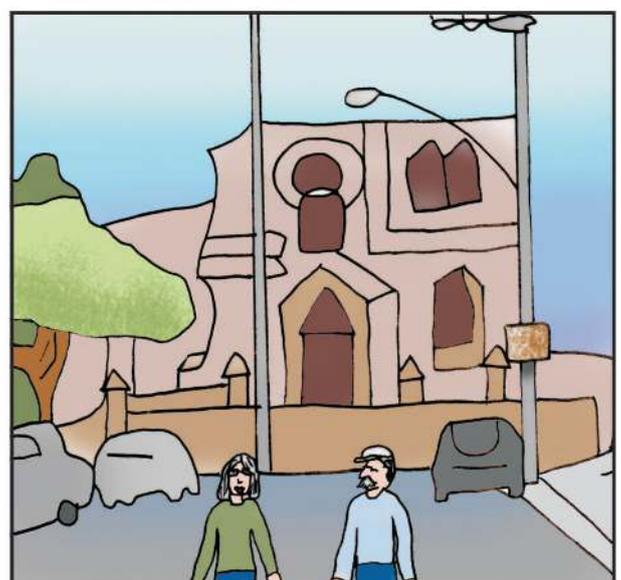
A artista plástica Nívea Bracher afirmou que os artistas juizforanos estavam em sintonia com o movimento de preservação mundial, que em Nova York foi iniciado pela demolição da Penn Station.

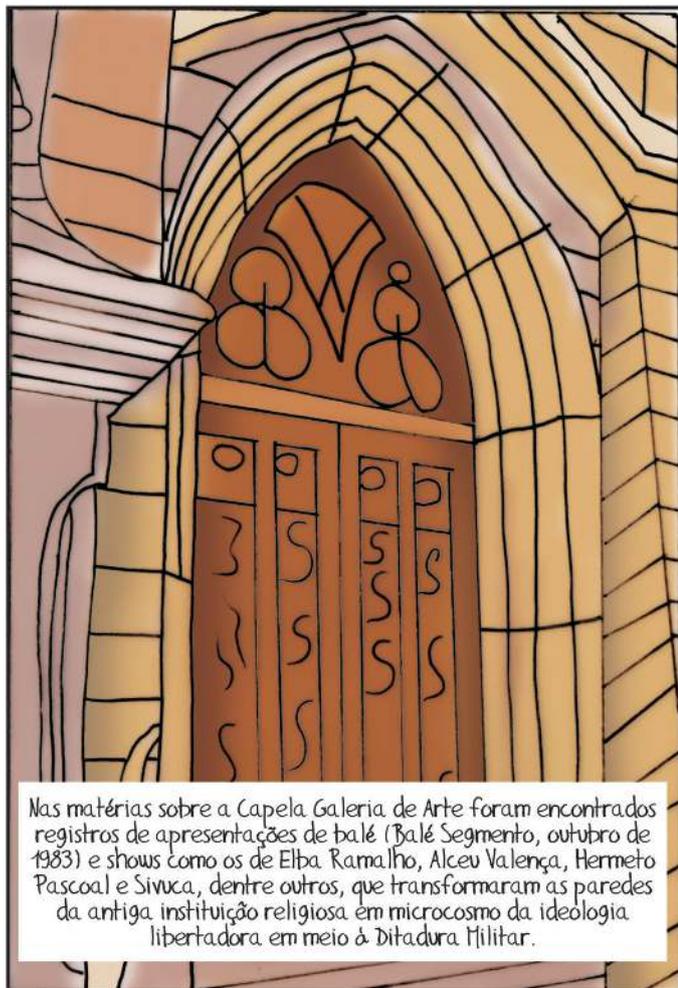
Bernardo Mascarenhas, um homem várias histórias

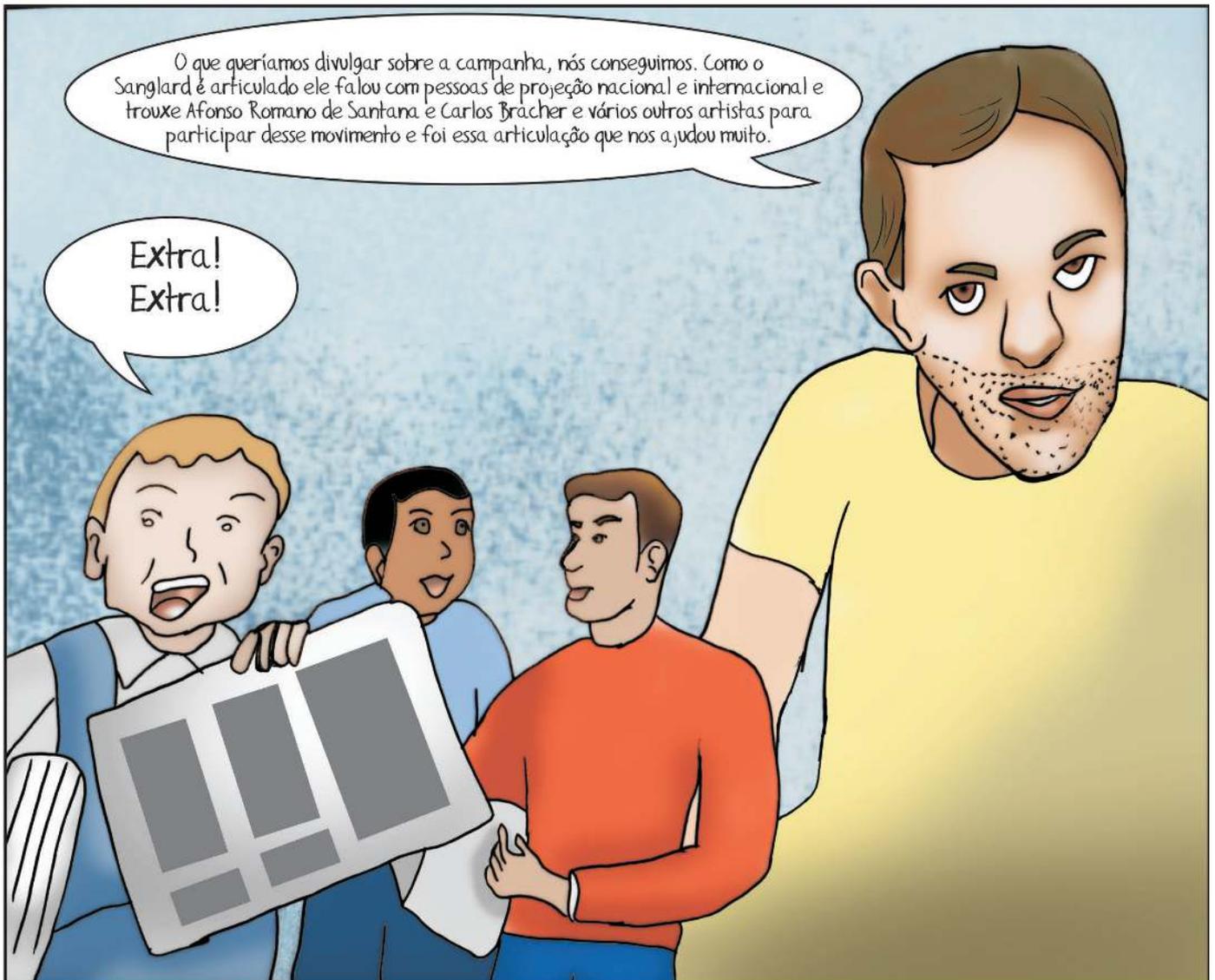


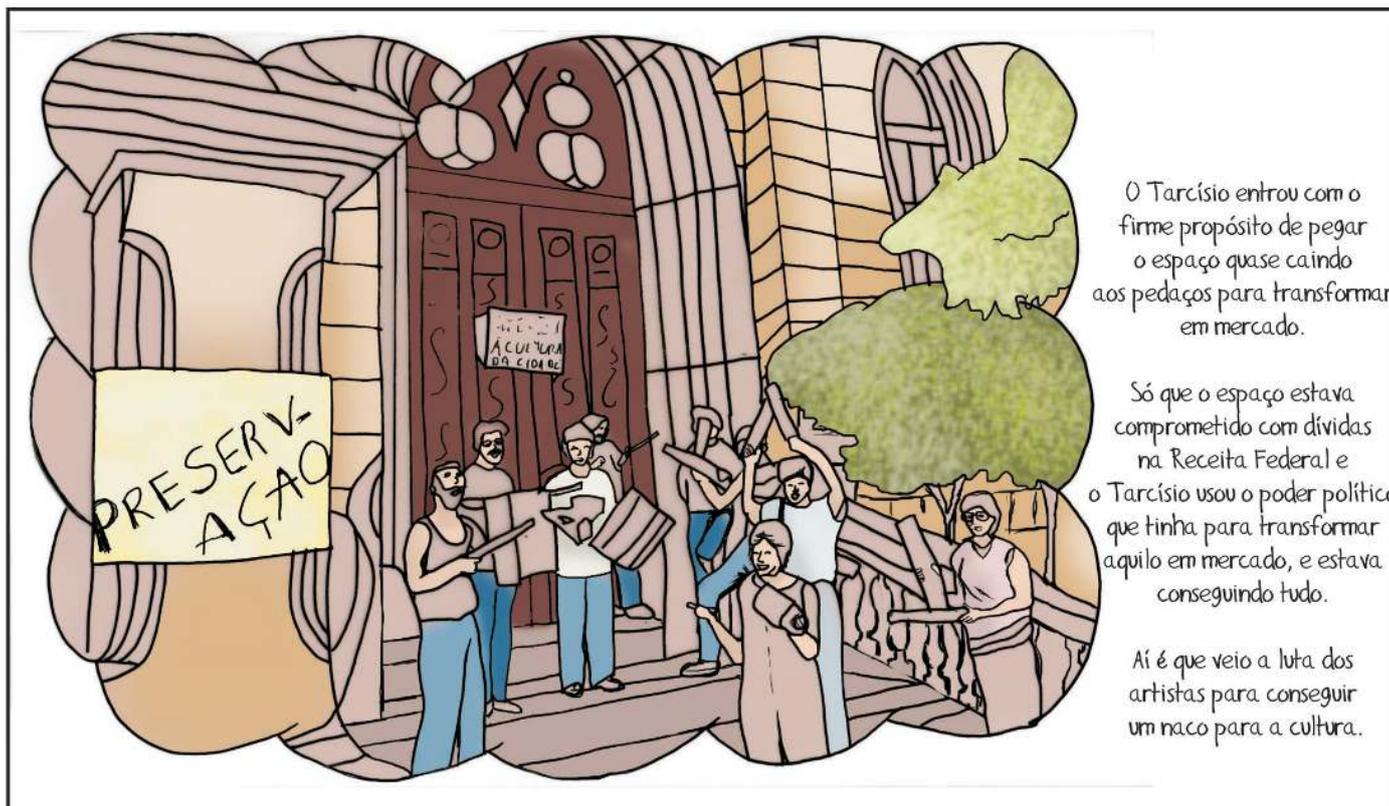
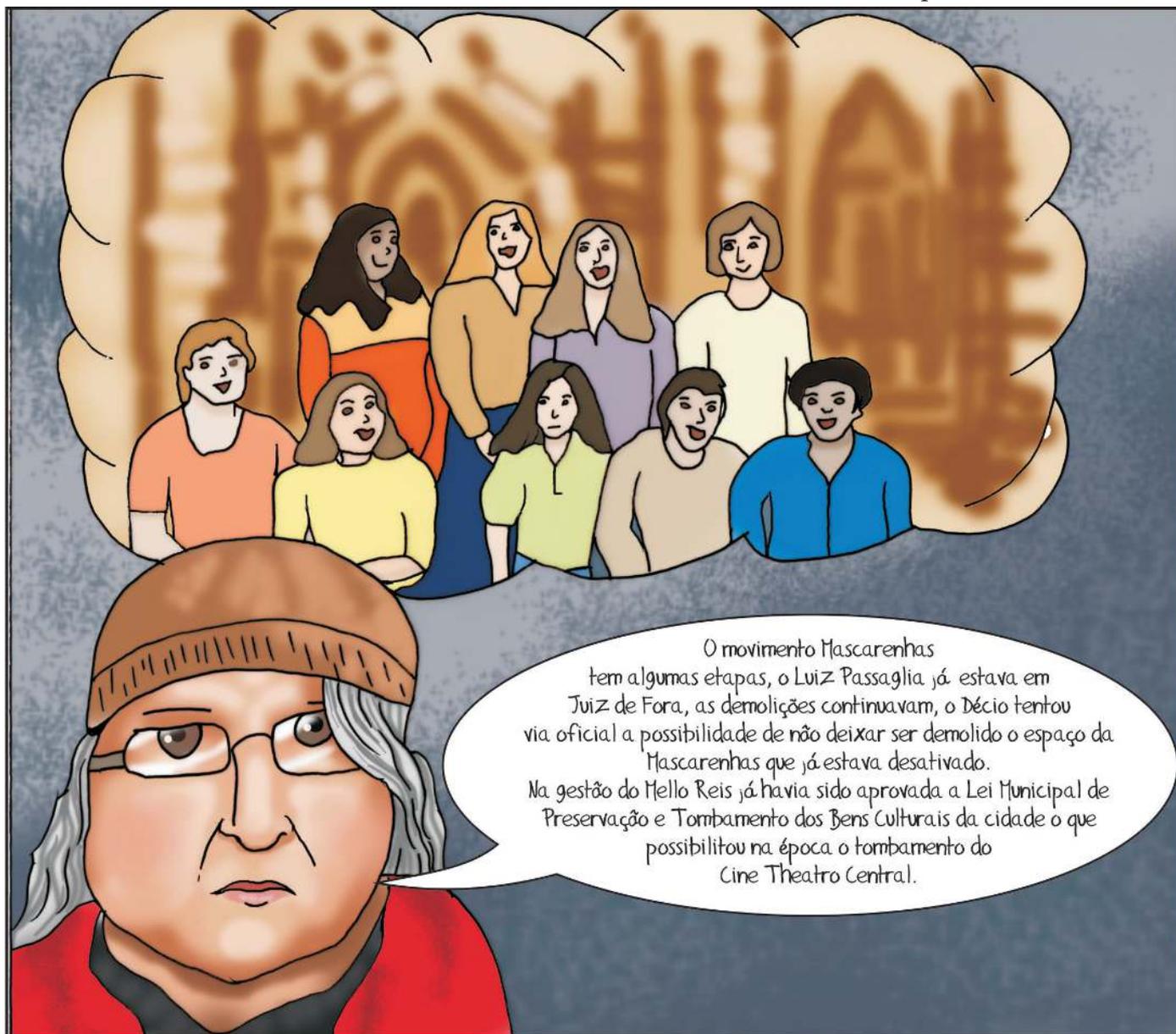
O antigo espaço foi vendido a um empreendedor da construção civil em meados da década de 1970, e o prédio da escola foi demolido em 1978. A capela foi poupada por ser um templo e não por seu valor arquitetônico ou por constituir um patrimônio cultural. Em 1976, o empresário Sidivan Ribeiro comprou a capela, transformando-a em galeria de arte e ponto de encontro da juventude universitária.

O espaço funcionou até 1986, quando também foi demolido.



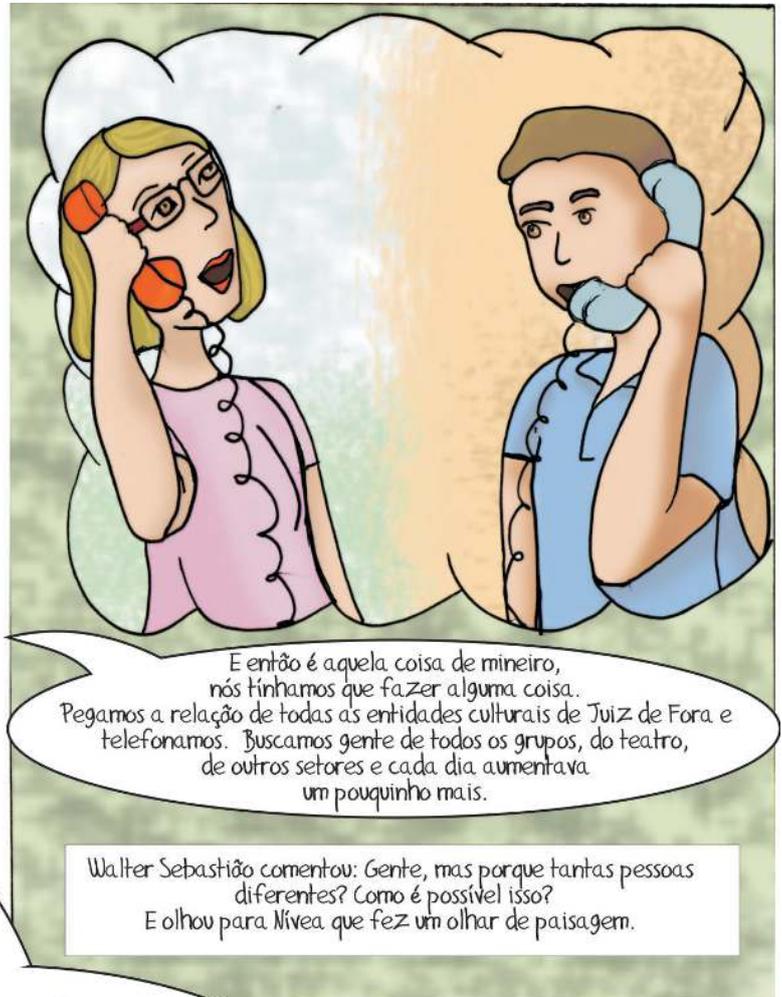








A gente ficou sabendo que o prefeito havia marcado um encontro com o setor cultural que estava reivindicando essa parte na Mascarenhas. E era uma coisa entre o PMDB e o PT. O PT na época estava começando... Eu até predisse para o Waltinho Sebastião que dali a 20 anos iríamos ter um presidente do PT na presidência. Todos nós nos reunimos no Stela e só vieram algumas pessoas.



E então é aquela coisa de mineiro, nós tínhamos que fazer alguma coisa. Pegamos a relação de todas as entidades culturais de Juiz de Fora e telefonamos. Buscamos gente de todos os grupos, do teatro, de outros setores e cada dia aumentava um pouquinho mais.

Walter Sebastião comentou: Gente, mas porque tantas pessoas diferentes? Como é possível isso? E olhou para Nívea que fez um olhar de paisagem.

Até que chegou o dia que o Tarcísio marcou a tal reunião com o pessoal que estava reivindicando o Mascarenhas. Ele achou que ia ter meia dúzia de pessoas e foi quase oitenta, noventa e ele não pode reunir no gabinete, a reunião teve que ser marcada no saguão.

Gostaria de colocar ali o Mercado Municipal.



Todos falavam muita coisa e ele não teve saída. Era só o mercado o que ele queria. O Luís Passaglia falou que precisava marcar a etapa seguinte. Ninguém podia vacilar e foi onde ele marcou a tal passeata.



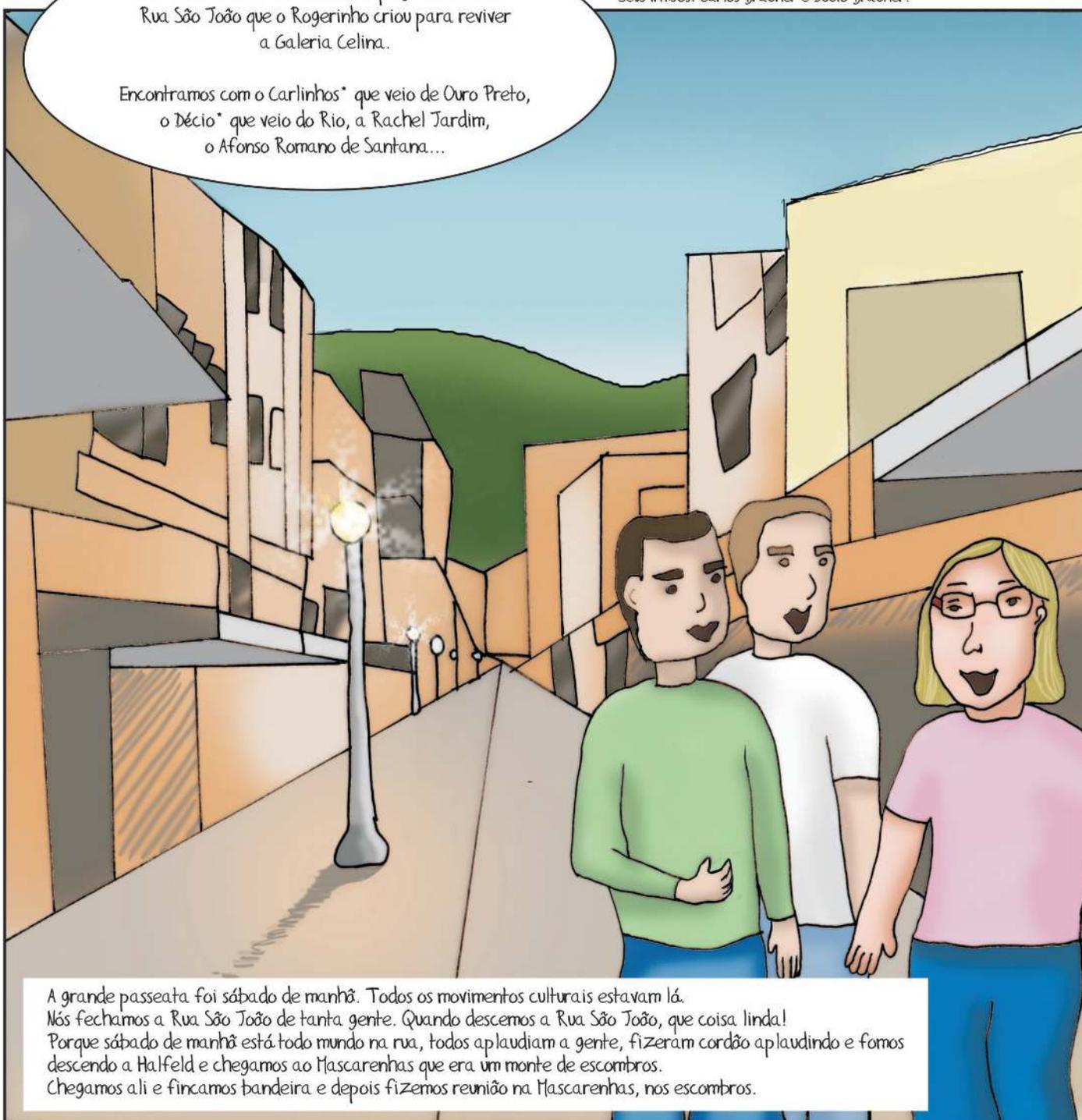
Todos os movimentos tinham que participar, a geração nova, a média e a mais antiga, como a de Dona Maria do Céu. E quando aconteceu a outra reunião com o Tarcísio a Dona Maria do Céu segurou a mão dele e disse: Oh, Tarcísio você é nosso Tarcísio Meira.

Então ele não teve saída, não teve como.

* Seus irmãos: Carlos Bracher e Décio Bracher.

E quando organizamos o movimento nos reuníamos no Espaço Cultural da Rua São João que o Rogerinho criou para reviver a Galeria Celina.

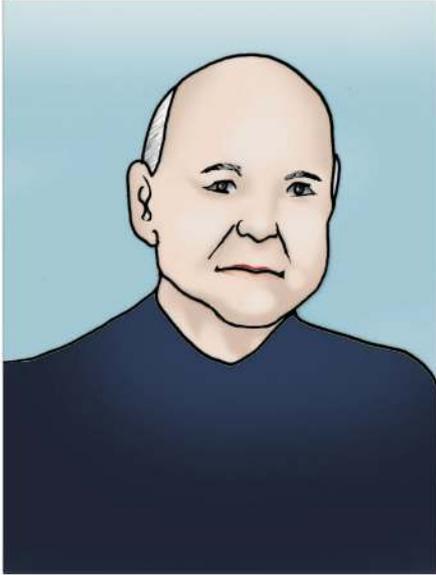
Encontramos com o Carlinhos* que veio de Ouro Preto, o Décio* que veio do Rio, a Rachel Jardim, o Afonso Romano de Santana...



A grande passeata foi sábado de manhã. Todos os movimentos culturais estavam lá. Nós fechamos a Rua São João de tanta gente. Quando descemos a Rua São João, que coisa linda! Porque sábado de manhã está todo mundo na rua, todos aplaudiam a gente, fizeram cordão aplaudindo e fomos descendo a Halfeld e chegamos ao Mascarenhas que era um monte de escombros. Chegamos ali e fincamos bandeira e depois fizemos reunião na Mascarenhas, nos escombros.

Bernardo Mascarenhas, um homem várias histórias

Quando o Tancredo veio a Juiz de Fora, já era governador, todo mundo estava mobilizado. O Tancredo ia ter uma reunião na câmara com os vereadores e a gente levou folhas de papel e tinta preta e cada um que chegava ia escrevendo: "Mascarenhas, meu Amor", "cultura", "Mascarenhas cultural".

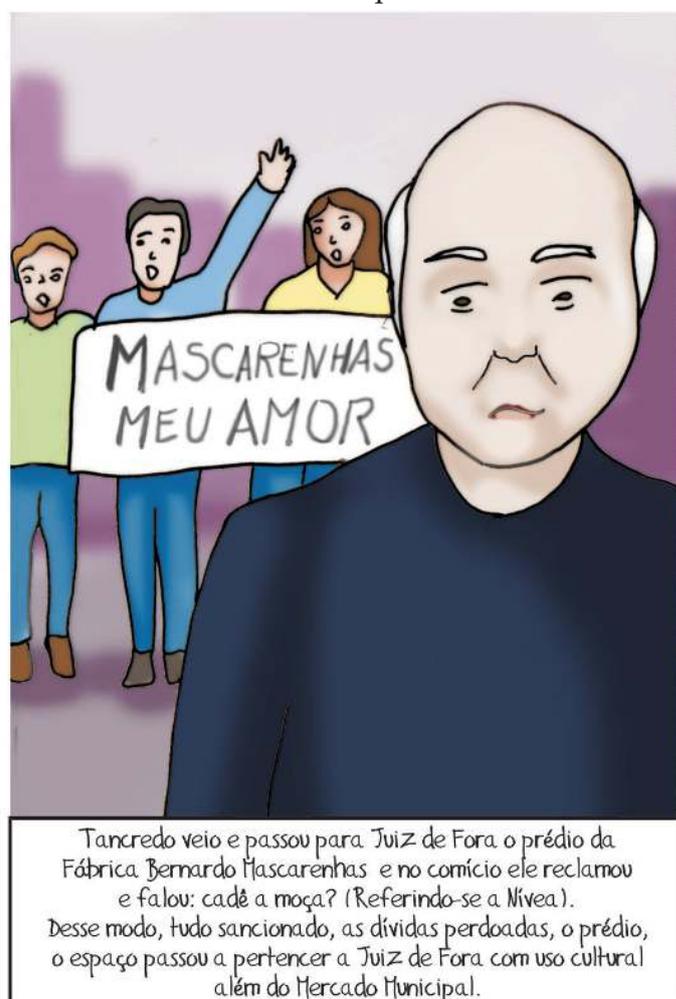


Muitos não conseguiram entrar no recinto da câmara que estava lotado. Mas todo mundo estava com cartaz e ficamos muito visíveis e quem fez a melhor visibilidade foi eu, fiquei lá atrás, mas de frente do palanque. Eu levantava e abaixava o cartaz e o pessoal ficava esperando. O Tancredo viu isso. O braço cansava e eu abaixava e depois levantava. Na saída não tivemos acesso ao Tancredo, eram só os políticos. E a gente queria que ele pressionasse o Tarcísio e não queríamos que o Tarcísio transformasse o espaço somente em mercado.



Quando saíram da prefeitura Nivea chegou perto do Tancredo e se apresentou.







Como dizia Décio Bracher:
"A Mascarenhas é nossa Versailles."



Anos mais tarde percebeu-se que nada mudou.
O patrimônio artístico e cultural de Tuiç de Fora
continua sofrendo com a ambição desvairada.

Preservar nossa memória deveria ser uma meta de todos.
A próxima cena dessa história só depende de você.